

PONHA-SE NO SEU LUGAR!

José Moura Gonçalves Filho¹

Ponha-se no seu lugar! Há quem acredite não haver problema com imposições assim. Não caberiam contra crianças desrespeitosas ou contra aprendizes presunçosos? Seria exigir que tivessem consideração pelos adultos e pelos mestres. Pais e professores têm um mundo a apresentar, condição de onde vem sua autoridade. Filhos e alunos devem admitir autoridade. Admitir autoridade, entretanto, é coisa bem diferente de admitir humilhação.

Adultos e crianças, mestres e aprendizes formam relações de dependência passageira e que preparam a independência, preparam cidadãos. São relações temporárias. E se não são já relações entre cidadãos, tampouco são relações contra a cidadania: não podem admitir violência. Adultos e mestres autoritários impedem o cidadão e concorrem para deixar infantilizados os filhos e incompetentes os aprendizes.

Ponha-se no seu lugar! Há quem acredite que a frase cabe em situações de trabalho e seja simples exigência de ordem e colaboração. Cada um assuma a sua parte e o seu dever na divisão do trabalho! Pedreiros e engenheiros, jardineiros e arquitetos, enfermeiros e médicos, jornaleiros e jornalistas, camareiros e artistas, agricultores e fazendeiros, operários e empresários, bancários e banqueiros! Todas as profissões seriam postos de mesma dignidade, variando apenas a competência de cada profissional. Entretanto, nós subordinamos muita gente, formamos escravos e proletários a quem impingimos as tarefas muito simples, as tarefas simplificadas (fragmentadas e aceleradas), as tarefas pesadas e as tarefas mortais. *Ponha-se no seu lugar!* é frase reservada a essa gente, os subordinados. E sai sempre de quem os quer abaixo de nós e a nosso serviço, mal remunerados e obrigados a tarefas que são impedidos de governar.

Ponha-se no seu lugar! A frase quer censurar e corrigir. Recrimina alguém por se haver arvorado um lugar impróprio. E obriga voltar ao devido lugar. O lugar, aqui, não é mera posição no espaço, mas um lugar *social*, um lugar no trabalho ou na cidade. Um lugar forçado, em conflito com o lugar de outros humanos, um lugar discricionário: um lugar abaixo, sob comando, e que posiciona o seu ocupante como alguém inferior.

Ponha-se no seu lugar! É sempre frase de um superior dirigida a um subalterno, frase de gente acimada contra gente rebaixada. *Ponha-se no seu lugar: mantenha-se obediente e quieto!* Trata-se de um comando político e humilhante, uma frase a serviço da dominação: proíbe ação e voz aos dominados. Ensina a subserviência.

Quando o comando é ouvido e sofrido sem interpretação, desarma, machuca moralmente: nós, sem interpretar, fingimos tomá-lo como merecida advertência. O comando confunde: finge educar e trazer ordem, mas ofende e traz subordinação. Como toda mensagem ambígua, o comando vai angustiar. Vai alimentar pesadelos e sentimentos mórbidos. Vai distorcer e disfarçar a realidade, vai enganar a memória e o pensamento, vai envenenar a consciência de si como consciência de alguém desprezível. Nos países de passado colonial e escravista não é difícil adivinhar quem são os alvos preferidos da frase aviltante: os negros. A frase é assiduamente disparada contra a voz e a ação do negro: *ponha-se no seu lugar!* A posição inferior, embora engenhada e fabricada pela dominação, vai ser atribuída à natureza. Gente historicamente rebaixada ouvirá que seu rebaixamento liga-se à raça e que deverá assumir o lugar serviçal como seu lugar natural.

¹ Conselheiro Consultivo do Instituto AMMA Psique e Negritude e Professor, pesquisador e psicanalista no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP).